

DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

# O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ -  
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

# O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ - COM FERNÃO DE MAGALHÃES

## DA CONSTELAÇÃO DE ANDROMEDA ANDRÓMEDA - SETOR III

A Constelação de Andrómeda, na exploração do seu terceiro Setor, revelou um conjunto de locais habitados ou já conhecidos – ainda que mantidos fora dos registos.

Aos exploradores e de modo diverso aos dos restantes setores, ocorreu a necessidade de transmitir as descrições e as narrativas das venturas e desventuras com que se debateram. Em muitos casos, forçando-os a um regresso à expedição original, ainda que vários preferissem, eventualmente, permanecer nos novos territórios. Ou assim aparenta...

Também no Setor III se revelou a existência de culturas similares, espalhadas por diferentes espaços e – aparentemente – sem contacto entre si (ainda que com ligações a outros territórios, avistados nos restantes Setores). Os cambiantes na organização social e nas infraestruturas – no grau de desenvolvimento – de cada território ou país, foram outro dos elementos destacados.

Os dias solarengos foram maioritários, mas duas das tempestades que foram registadas indicam que nem todo o clima era hospitaleiro. Com alguma sorte, os naufrágios e sustos, foram ultrapassados.

Surgem igualmente adicionadas revelações dos exploradores, adicionadas posteriormente ao seu regresso e aqui indicadas (nesta versão anotada das explorações).

---

*Ao anónimo anotador das descrições,  
pertencem os itálicos que pontuam os textos.*

**Título:** Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães

**Autores:** André Monteiro Marques, Érica Pais, Gabriel Barros, Gustavo Monteiro, Íris Marques, Luís Barros, Mauro Abreu, Olivia Morselli, Renata Mesquita Caulino, Rodrigo Loureiro da Costa, Simão Marques, Tomás Silva [Escola Básica da Ribeira, 4.º A (Andrómeda - Setor III)]

**Grafismo e Design:** Miolo e Meio

**Edição:** Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

**Depósito Legal:**

**Impressão:** Tipografia Beira Alta

O Projeto-Piloto de "O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães" foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum - Associação para os Museus Municipais - Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival "Mescla", a 07/07/2019.

A Fase 1 de "O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães" inicia-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães.

Viseu. Setembro, 2019.

Eu e o meu ajudante Ângelo lá fomos pelo mar fora. Enfrentámos muitas adversidades ao longo da viagem. No meio do nevoeiro chocámos com algo que não aparecia no mapa. Fiquei surpreso, mas refleti e pensei que poderia ter encontrado uma ilha desconhecida. Ao desembarcar, reparei que não havia sinal de ser habitada. Tinha árvores do tamanho de edifícios de dez andares e flores de mil cores. Todo o chão era relva fresca, coberta por um cheiro maravilhoso que é impossível de descrever. Os animais eram essencialmente pássaros de cores bastante fortes e muito meigos, mas com uma particularidade, todos tinham três olhos e uma só pata. O seu canto era melodioso, como uma canção de embalar.

A meio de uma conversa com o Ângelo lembrámo-nos de como seria bom tornar esse paraíso num refúgio para pessoas fugidas da guerra. *Mandei então o Ângelo de volta aos navios da expedição, para anunciar a nossa descoberta.* Comecei a pensar num nome para a ilha. Lembrei-me de Gustália, para se lembrarem de mim. [A partir daí, Gustália começou a ser habitada por várias pessoas que fugiam à guerra e tornou-se num grande povo que vivia o seu dia-a-dia com calma e respeito por todos, incluindo a natureza.]

Vindo do nada, parecia que tinha começado um terramoto do lado mais longínquo da ilha, mas era um enorme monstro que não parava de se coçar no chão. Era barrigudo, cheio de pelos azuis, verdes e amarelos. Toda a gente começou a ficar em pânico, mas eu como corajoso que sou e reparei que o monstro estava aflito, decidi ajudá-lo. Vi que o monstro tinha um ramo grande de uma árvore espetado nas costas, trepei pelo monstro acima e arranquei-lhe o ramo. O que não foi fácil!

O monstro agradeceu-me e pediu desculpa por ter assustado as outras pessoas. Lá nos entendemos, com a ajuda de gestos - a língua dos monstros não é a nossa. A partir desse dia o monstro ajudou os habitantes e conseguiram conviver (mas nunca alguém entrou no seu lado da ilha).

## A ILHA SECRETA

Já passavam três luas quando se instalou um nevoeiro tão denso que a nossa velocidade foi reduzida ao mínimo, tentando desbravar o caminho nas ondas. Ninguém dormiu nessa noite, a tentar verificar, légua a légua, o avançar vagaroso do navio.

Amanheceu e o nevoeiro permanecia, como se de uma parede de algodão doce cinzento se tratasse. Olhávamos a bombordo e a estibordo, não víamos um palmo à frente do nosso nariz, só o estranho nevoeiro!

O marujo no cesto da gávea deu o alarme: Tudo para estibordo!!! Afastamo-nos intactos de um rochedo gigante que estava mesmo à frente do navio! Logo a seguir, o nevoeiro desapareceu, como se fosse uma cortina caída no chão. À nossa frente surgiu uma ilha de areia dourada, banhada pelo sol, gaviotas a esvoaçar e outras aves muito coloridas e desconhecidas. Fui a confirmar os mapas de navegação, bússolas e astrolábios para fazer as medições necessárias e... esta ilha não existia em lado nenhum!

Usando o monóculo percorri a ilha com olhar atento e vi reluzir uns pontinhos vermelhos e verdes, que formavam uma sequência alternada até ao cume de uma montanha.

Já na praia, dirigimo-nos à primeira luzinha vermelha, que se tratava de um rubi encrustado numa rocha. Seguimos ao próximo ponto, verde, que era uma esmeralda. E assim até chegarmos à montanha. No cume da montanha estava um arbusto enorme, que tapava a entrada de uma gruta. Lá dentro, com as luzes das lanternas que levámos, ficou tudo brilhante: havia um maravilhoso tesouro!

Carregado o tesouro para o navio, seguimos rumo, já a pensar numa rica vida, sem preocupações. Passámos o nevoeiro e de repente estalou uma tempestade. O navio não iria resistir porque estava muito pesado.

Reunida a tripulação, fomos a votos: deveria ser deitado borda fora o tesouro ou os mantimentos? Toda a tripulação concordou! “o tesouro não dá para comer se precisarmos sobreviver!” E assim deitámos o tesouro borda fora, salvámo-nos e aqui estou para contar esta aventura!

## A ILHA ENCANTADA

Numa bela tarde, com um clima de verão, embarquei num grande navio e fui em busca de uma nova aventura. Viajei. Viajei por muitos mares e oceanos. Passado algum tempo, ao longe, avistei o que parecia ser uma grande ilha.

Então, naveguei em direção a ela e ancorei. Aproximei-me com medo, um pouco mais. A ilha parecia ser deserta. De repente, um unicórnio saltou à minha frente, fiquei um bocado assustada, mas também admirada, porque nunca tinha visto um unicórnio.

Na ilha havia árvores enormes e o chão parecia um tapete amarelo, mas na verdade eram muitas flores amarelas que caíam das árvores. A ilha estava repleta de animais místicos, como unicórnios.

Havia também um pequeno ribeiro que à volta tinha algumas ervas. Olhava para todos os lados e só via flores. De repente ao longe avistei uma linda cascata, mas onde não parecia correr água. Parecia uma espécie de porta. Então, como sou uma exploradora curiosa e corajosa fui em direção à cascata.

Quando entrei na cascata estava muito escuro. Ouvi um estranho barulho que parecia de um unicórnio, fui cada vez mais longe e o barulho cada vez estava mais alto. Finalmente, ao longe, avistei uma luz muito brilhante, aproximei-me e vi que realmente era um unicórnio. Então, ajudei-o. Parecia que a perna dele estava presa com uma corda, peguei na minha faca e cortei a corda. O unicórnio muito feliz agradeceu-me e saiu a correr para a sua família.

## A TERRA DAS ÁRVORES

Após vários dias no mar, encontrei uma terra a que chamei Terra das Árvores. Dei-lhe tal nome pelas muitas árvores que tinha. Tinha árvores enormes, árvores médias, árvores pequenas, arbustos, flores ... Tinha muita coisa para admirar ali, mas, o que eu queria era ir ao centro daquela terra enorme.

Comecei a caminhar até que encontrei um lugar cheio de cobras, por isso, afastei-me daquele sítio e deparei-me com outro cheio de elefantes. Por onde devia passar? Então, segui a direção dos elefantes, pareceu-me a melhor opção. Se tivesse fome, sempre haveria mais comida.

Continuei a andar até que encontrei um caminho com árvores muito grandes e grossas e por isso não podia passar. Decidi cortar caminho e encontrei uma passagem com areias movediças. Não sabia outra vez por onde ir. Decidi escolher o caminho com árvores, assim cortava as árvores e já tinha madeira para fazer uma fogueira e para me aquecer durante a noite fria e escura.

A noite caiu e delicieei-me com uma refeição que preparei com a carne de elefante e a seguir adormeci profundamente aconchegado pelo calor da fogueira. No dia seguinte, acordei bem cedo e continuei a caminhar até que encontrei um lago cheio de crocodilos esfomeados. Mudei de direção e vi à minha frente um lago com água estagnada, malcheirosa, onde pairavam à superfície alguns nenúfares que tentavam sobreviver àquela água poluída, então fiz uma mola de madeira e coloquei-a no nariz para poder atravessar o lago.

Segui em frente até que cheguei ao centro da Terra das Árvores. Descobri que aquela terra era totalmente desabitada. No regresso da minha viagem dirigi-me ao comandante, mostrei-lhe os meus registos e pedi-lhe que mandasse povoar aquela terra...

## A PROVÍNCIA DA MAGIA

Como aventureiro que sou, gosto de descobrir terras, joias e criaturas novas. Num belo dia de sol avistei uma província e decidi ir ver o que lá havia.

Ao encostar o barco, vi o sítio mais mágico do mundo. Tinha muitas plantas, árvores de cores diferentes e em todas elas havia um tipo de joia diferente. A província, não era povoada por humanos, mas sim por criaturas mitológicas, dragões que voavam pelo céu, unicórnios que praticavam boas ações e ajudavam as outras criaturas, bruxas, fadas, polvos gigantes que nadavam pelos mares.

O mais surpreendente é que eles viviam todos em harmonia e em paz uns com os outros mesmo sendo tão diferentes. Já que estavam em harmonia perfeita e não queriam fazer mal a ninguém, fui ter com eles para lhes perguntar o nome daquele lugar.

Mal me aproximei daquelas criaturas, assustaram-se e começaram a fugir. Tentei acalmá-las pois não lhes queria fazer mal, só queria saber o nome daquele lugar místico.

Elas aterrorizadas em coro exclamaram: – Nós temos medo dos humanos. Porque os humanos destroem províncias lindas como esta com os venenos que lançam às terras.

Repliquei que não queria fazer mal às suas terras, apenas queria saber onde estava, para registar esta província no meu mapa e falar às pessoas sobre ela. Elas acreditaram na minha palavra e disseram-me que o nome daquela terra era Província da Magia.

[*A partir daí e aos poucos, foi-se espalhando a informação e a Província da Magia ficou a ser conhecida e visitada por todos os que se sentiam atraídos pelos seus mistérios.*]

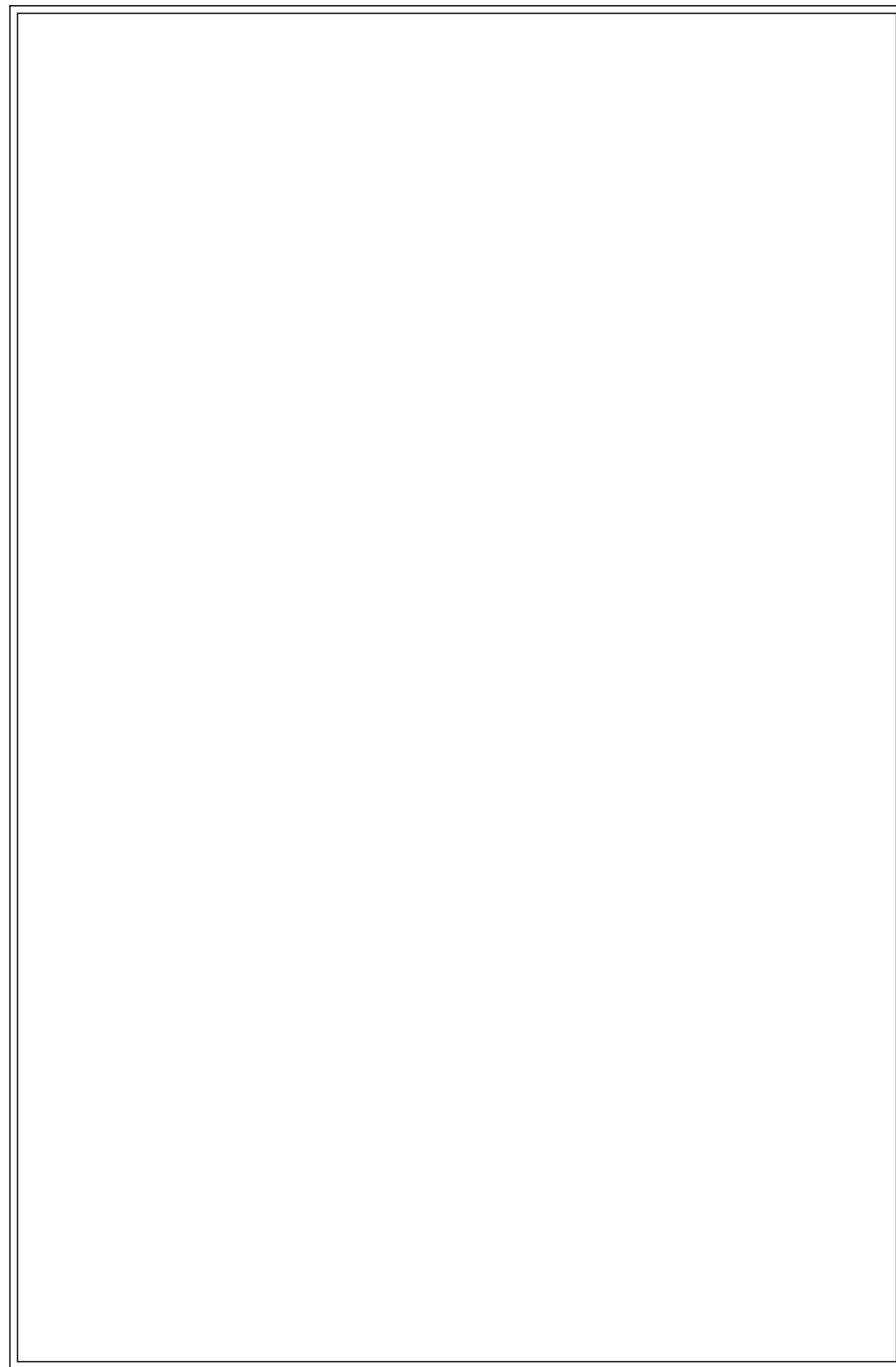
## TOMALÂNDIA

Numa manhã primaveril e a meio da viagem em alto mar, o vento afastou-me do destino. Lá ao longe, avistei uma ilha e tive curiosidade de ir ver como era. Quando me aproximei, desembarquei e qual não foi o meu espanto quando reparei que não estava habitada. Então decidi dar-lhe o nome de Tomalândia e para a identificar criei uma estátua parecida comigo, para saberem quem a descobriu e como se chamava.

Alguns dias depois vi uma pessoa desconhecida e decidi segui-la. Encontrei uma aldeia onde habitava um grupo de pessoas que vendiam e compravam produtos como por exemplo: caixas de madeira, bananas, melões, cocos, melancias. Até que um homem, de barba preta, cabelo preto e vestido com peles de animais, viu-me e aproximou-se de mim.

Fiquei muito assustado e saí a correr da ilha, só que, infelizmente, o meu barco canoa estava destruído e não consegui fazer-me ao mar. Ao olhar para trás vi que o homem estranho estava cada vez mais próximo de mim. Fiquei paralisado, mas ele acalmou-me dizendo que não me queria fazer mal, apenas conhecer-me e precisava de ajuda para sair da ilha. Juntos decidimos construir um novo barco. Para isso trabalhámos, trabalhámos e trabalhámos, dia e noite, até que este ficasse pronto.

Quando isso aconteceu, embarcámos e ao fim de uma viagem de seis meses chegámos ao restante da expedição.



## DESPORTOLÂNDIA

A viagem iniciou-se rumo à descoberta do mundo ainda desconhecido. Embarcámos num navio recente com toda a tecnologia, incluindo GPS atualizado, mas mal sabíamos o que iríamos descobrir.

Após vários dias de viagem e de paragens por locais magníficos, achei muito estranho não vermos nenhuma civilização nem sequer nenhuma tribo. Mas, de repente, comecei a avistar várias tribos, cada uma delas vivendo em ilhas situadas no Oceano e pelas quais a expedição ia passando: a Rokense em que as pessoas se vestiam com roupas em forma de guitarra elétrica, e comiam com talheres que eram umas mini guitarras elétricas; a tribo Cantarenses em que as pessoas só cantavam e também comiam a cantar. Lá continuei a minha viagem e após mais uns longos dias de navegação, confrontei-me com a tribo Educarenses que era muito educada, com todos sempre a agradecer.

Quase de seguida, surgiu uma ilha em forma de disco de hóquei. De imediato tive curiosidade de a conhecer melhor e foi assim que descobri a Desportolândia! Mal desci do navio, entrei num mundo nunca visto, com muita gente, campos de futebol, campos de andebol, redes de vólei, cestos de basquete, pistas de atletismo. Adorei este local maravilhoso, pois nunca tinha visto uma ilha apenas dedicada ao desporto. Resolvi ficar um longo período e alojei-me no maior hotel em forma de bola de futebol. A seguir dirigi-me aos cestos de basquete, onde se estavam a organizar equipas e eu fiquei na equipa A, de andebol. Aprendi inicialmente as regras e as técnicas e depois fomos praticar andebol durante um torneio. A minha equipa ganhou a prova.

Após este bom momento fui descansar, porque apesar de feliz estava exausto. No dia seguinte tinha programada outra modalidade desportiva. *No entanto, o capitão enviou um barco para me transportar de volta e tive de regressar à expedição...*

## PAÍS DAS MARAVILHAS

*Após deixar a frota da expedição, com o intuito de encontrar novos territórios, viajei por 11 dias. Foi nesse décimo primeiro dia que eu avistei uma nova terra, diferente de qualquer outra que eu tivesse visto no mundo inteiro.*

Aquela terra era maravilhosa, tinha árvores feitas de algodão doce, casas de gomas, os brinquedos de gelatina, os armários, as mesas e as cadeiras de chocolate, as camas de marshmallow e os hospitais feitos de coloridos arco-íris.

Aquele país era habitado por ursos de goma que brilhavam à noite. Esses ursos usavam uns calções de pele de unicórnio, uns casacos de sumo congelado e óculos de sol de plasticina.

Esse país tinha flores de todas as cores e de todos os tipos de cheiros. Quando chovia, em vez de chuva caíam bolinhas de sabão, em vez de granizo caíam pintarolas e em vez de neve caía esferovite.

Nesse país sempre que os ursos de goma tinham fome era muito fácil encontrar comida e como os casacos eram feitos de sumo congelado, também era fácil encontrar alguma coisa para beber.

Era um país muito engraçado com muitos doces por todo o lado. E os ursos de goma eram tão fofos de calções e casacos!

Era um país com tantas maravilhas e era tão maravilhoso que decidi chamar-lhe “País das Maravilhas”.



## A ILHA DE PANTERA

O capitão, certo dia, indicou que eu e alguns marinheiros teríamos a missão de levar a “Taça das Estrelas” aos meninos da Ilha de Pantera. A Ilha de Pantera era uma ilha próxima da nossa rota, descoberta por Portugueses há muitos e muitos anos atrás: ao desembarcarem, tinham reparado que lá vivia uma pantera preta, mas meiga e calma. Daí a origem do nome desta ilha.

Na ilha havia enormes palmeiras, uma vasta vegetação de um verde maravilhoso, habitada por homens e mulheres que conviviam com animais selvagens como qualquer outro animal doméstico.

Entretanto e chegados à Ilha de Pantera, fomos assaltados por um grupo de piratas de pala no olho, pernas de pau e caras de maus, que nos prenderam ao mastro do navio para nos poderem roubar a taça. Mas as minhas cordas ficaram laças e por isso consegui soltar-me e libertar os meus amigos. Mas como iríamos recuperar a Taça? Sabíamos das histórias. Sabíamos que os piratas são muito maus e também cheiram muito mal, pois não tomam banho. Iríamos tentar recuperar a taça só de noite. Eles viviam na Gruta da Caveira de Prata, uma gruta debaixo de um grande rochedo, escura e com muito mau cheiro.

Quando anoiteceu, seguimos até à gruta, em silêncio para não acordarmos os piratas. Lá chegados, todos estavam a dormir exceto um, que estava de guarda, à entrada da gruta. Combinámos que um de nós ficaria a atirar pedras para bem longe, para assim o pirata ir atrás do som e deixar a entrada livre. O escolhido foi o David que ficou a atirar pedras, cada uma mais longe do que a outra, para que o pirata demorasse mais tempo a regressar. Neste momento, entrámos na gruta, que tinha um cheiro horrível. Colocámos o nariz dentro das camisolas e, pé ante pé, conseguimos recuperar a Taça e fugir dali!

Chegados ao barco, sorrimos uns para os outros, respirámos de alívio e estávamos prontos para continuar a viagem e assim cumprir a missão de entregar a “Taça das Estrelas”.

## ILHA MARAVILHA

No mar estava tudo calmo, não havia ondulação, até que de repente começaram a aparecer nuvens pretas e com elas uma enorme tempestade. A tempestade levou-me até uma ilha. Não a estava a reconhecer. Então decidi consultar o mapa.

Aquela ilha não estava no mapa, por isso ainda não a tinham descoberto! A tempestade também tinha estragado o barco, mas por sorte encontrei outro na ilha.

Como a ilha não tinha nome decidi chamar-lhe de Ilha Maravilha.

Entrei pela areia dentro e vi animais muito estranhos e um deles era parecido com um macaco misturado com uma águia. A água doce que se encontrava era transparente e muito limpinha, tão, tão boa que até levei um bocadinho para a minha viagem. Para além dos animais esquisitos, também tinha montanhas maravilhosas e flores muito exóticas e perfumadas.

Quando regresssei aos navios, contei a todos sobre a viagem e a ilha maravilhosa que tinha descoberto. Então todos quiseram ir visitá-la e alguns gostaram tanto da ilha que queriam aí ficar a viver. Não puderam, mas naqueles dias tiraram férias e acamparam por lá, mas tinham de respeitar os animais e não os deviam perturbar.



## A ILHA DA ESTÁTUA SEM NOME

*Tinha acabado de desembarcar num novo território quando,* enquanto passeava pela cidade que ali havia, ouvi muitas pessoas a falar de uma ilha desconhecida. Eu, corajoso, quis ir logo procurá-la, e saber mais. No dia seguinte, parti.

A viagem demorou muito tempo, mas finalmente avistei uma ilha muito grande. Quando o meu barco parou já perto do areal, saltei dele rapidamente e com alegria.

Aquele lugar era maravilhoso, as árvores eram muito grandes, a erva era fresca, havia flores de várias cores, e o melhor é que ali todos os animais se davam bem, havia uma grande fonte de chocolate, pássaros que cantavam de noite e de dia, éguas e cavalos, pôneis e unicórnios.

Havia também uma cidade e no seu centro, uma escultura de madeira com a forma de uma pessoa. Eu quis saber quem era aquela pessoa e um unicórnio disse-me que foi aquele senhor que criou a ilha e todos os seus habitantes (fauna e flora), mas ninguém sabia o seu nome.

A praia tinha uma areia tão branca como a neve. Os animais viviam à volta das árvores, sob os seus ramos e folhagem verde. Havia peixes de todas as cores a saltar nas águas azuis-céu. Embora de espécies diferentes, todos se davam bem e mostravam respeito uns pelos outros. Mas, o que mais despertou a minha atenção foi não haver poluição.

Por isso, tinham receio que nós os humanos estragássemos o seu refúgio, como fizemos com o nosso planeta. Quando acabei o passeio, todos me pediram para não contar esta aventura a ninguém e eu nunca quebro uma promessa. *Apenas registo o que vi neste diário da expedição porque é a minha função...*

No final do dia, já com a primeira estrela no céu, regressei no barco.

[Durante a viagem, percebi que poderia contribuir todos os dias com pequenos gestos, como não deitar lixo para o chão, não usar sacos plásticos, não poluir a água nem o ar, para preservar a magia da natureza e proteger os animais do meu planeta.]

## ILHA BARCA

Ao longo da viagem, deparei-me com uma tempestade, mas consegui, com um pouco de sorte, atravessá-la. Apesar de tudo a beleza daquelas águas salgadas era deslumbrante. Ao avistar terra encostei a minha nau junto de uma rocha. Observei um mapa e aquela pequena porção de terra não tinha nome nem era reconhecida. Então pensei num nome para a ilha e chamei-a de Ilha Barca, pois o seu centro tinha um barco já muito antigo.

Comecei a andar pela Ilha Barca e encontrei criaturas estranhas, uma girafa misturada com um tigre, um pássaro com asas de borboleta, uma zebra com chifres de unicórnio e uma serpente que voava como uma águia.

Também havia muitas riquezas, cristais e joias brilhantes grandes e pequenas. Dentro delas estavam muitas gotinhas de ouro, era tudo maravilhoso e extraordinário.

A Ilha Barca era muito montanhosa e tinha serras cheias de flores cujo perfume pairava no ar. Aquela ilha era completamente encantadora. Não tinha poluição porque não era habitada pelos humanos.

APOIO



MUNICÍPIO DE  
**VISEU**

FINANCIAMENTO

**VISEU**



ESTA PUBLICAÇÃO FOI ORIGINALMENTE DESENVOLVIDA E APRESENTADA  
NO ÂMBITO DO FESTIVAL MESCLA, COM O APOIO DO MUNICÍPIO DE VISEU